

O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB

ANO 2014 DEZEMBRO N° 133

Comentário inicial da AHIMTB/RS

Mais uma vez, e de maneira pertinente, o nosso Acadêmico Dr. Cesar Pires Machado volta ao tema mais controverso da História do Rio Grande do Sul: Porongos. Com análise percuciente, o autor aprofunda as investigações, procurando esclarecer pontos importantes dos fatos e desmontando a intenção grosseira dos detratores de Caxias e Canabarro.

O Ataque de Porongos e os 170 anos de uma farsa intermitente

Cesar Pires Machado*
OS DESAFIOS DE UM TEMA POLÊMICO PRÓLOGO DE SÉRGIO DA COSTA
FRANCO

Cesar Pires Machado, com a coragem teme desafios não inteligência e à verdade histórica. abraçou neste livrinho um dos assuntos mais polêmicos e controversos da história rio-grandense: a surpresa de Porongos, o destino dos lanceiros negros Coronel Teixeira Nunes. desempenho que tiveram naquele combate o Coronel Chico Pedro de Abreu (o Moringue), o seu comandante, Barão de Caxias, o general farroupilha David Canabarro e outros personagens de menor expressão. Mas não se trata, no caso, de escolher entre opções de uma historiografia consolidada, entre fontes seguras de conteúdos definitivos. Não se trata também de localizar descobrir documentos e desconhecidos, como nas habituais controvérsias entre fontes historiográficas, mas de discutir o conteúdo e o significado de fontes literais de forma já definida há mais de um século e reproduzida em mais de um

livro impresso, sem contestações formais ao seu conteúdo, embora sobrevivam dúvidas quanto à sua autoria material, e ideológica e à própria datação da autoria do original.

Como sempre acontece com textos da prática de espionagem, e mais ainda de contra-espionagem, o pesquisador histórico se obriga a desconfiar de todos os conteúdos e procurar descobrir o que se esconde atrás ou além das palavras.

Em seu breve texto, Cesar Pires três inestimáveis Machado presta serviços à historiografia do Rio Grande do Sul: o primeiro deles é o de lançar por terra a versão caluniosa da traição de Canabarro à causa farroupilha; segundo, o de ter tramado e praticado a lanceiros matança dos comandados de Teixeira Nunes; e, terceiro, o de evidenciar a coautoria do Barão de Caxias na suposta "surpresa de Porongos", até hoje atribuída, sem participação de seu comandante-emchefe, às astúcias e falsidades do Moringue.

A carta apócrifa de Caxias a Chico Pedro já despertava indignação em agosto de 1859 no insuspeito Bernardo Pires, com a explícita observação de que "fosse um meio de ridicularizar e intrigar-nos uns com os outros, pois não posso conceber que Canabarro e Lucas combinassem em semelhante traição".

É muito estranhável que depois dessa manifestação de Bernardo Pires, para o jornalista e político Domingos José de Almeida, que certamente não ficou confinada ao sigilo postal, tanto se tenha falado na traição do Moringue como obra exclusiva daquele Pedro Malasartes das armas imperiais. Entretanto a intriga histórica sobre Porongos nunca passou em julgado. Um intelectual com o brilho e a acuidade de Alfredo Ferreira Rodrigues já saíra em defesa da memória de David Canabarro no distante ano de 1899. E mesmo alguns legalistas não admitiam que o general farroupilha pudesse assumir a postura de traidor. Por isso mesmo, durante a Campanha de 1851 e a da Fronteira Oeste pelos invasão paraguaios, o governo imperial não vacilou em confiar-lhe o comando de divisões e a guarnição de fronteira. Foi iulgamento definitivo irretorquível sobre o Coronel David Canabarro.

SUMÁRIO

Introdução. Ataque de Porongos, Contexto, Disposição das forças, Descrição e seguimento, Caxias na concepção e iniciativa do Ataque de Porongos, A carta, Texto e procedência, Inconsistências. Testemunhos da falsificação, Participação de Caxias na elaboração da carta. Dúvidas persistentes, Espionagens e intrigas, Hipótese que responde às questões, Dinâmica da construção do símbolo, Discurso fundamentador, Utilidades do símbolo, Referências bibliográficas e documentais.

INTRODUÇÃO

O aporte de documentos inéditos ou pouco valorizados e o exame de relegados aspectos de acontecimentos pretéritos são alguns dos fatores que apontam para a importância da constante reelaboração histórica. Não aconselham, porém, a ocultação de documentos idôneos já compulsados, o que poderá proporcionar adulteração subjetiva do evento histórico.

O Ataque de Porongos, combate ocorrido durante a Revolução Farroupilha, em 14 de novembro de 1844, tornou-se especial substrato para deturpações, repetições de equívocos e construções de mensagens atentatórias aos ensinamentos que o estudo do passado pode proporcionar.

O presente texto procura tratar de quatro aspectos fundamentais para mais uma análise do tema.

As conclusões podem ser enunciadas pelas seguintes assertivas: 1ª – o Ataque de Porongos decorreu de detalhada concepção e iniciativa de Caxias, do que o Coronel Francisco Pedro Brusque de Abreu (Chico Pedro) foi um competente executor;

2ª – a carta falsa produzida por Chico Pedro e que voltou a ser usada contra a memória de Canabarro era arma psicológica para promover intriga entre os farroupilhas e desmoralizar a principal liderança militar revolucionária da época;

3ª – Caxias foi mentor ou anuente da falsificação da carta elaborada por Chico Pedro;

4ª – os ataques à memória de Canabarro obedecem ao propósito da construção de um símbolo midiático negativo.

Embora o leitor possa encontrar alguma repetição de abordagens em relação a um trabalho anterior deste autor¹, observará também um aprofundamento daquelas análises e o exame de aspectos antes não expostos. As transcrições de documentos e de

_

¹ Machado, 2011.

textos de outros autores que a seguir podem ser vistas mantêm as grafias observadas. O autor.

O Ataque de Porongos - Contexto

O Gabinete Ministerial Brasileiro falhava sistematicamente em pacificar o Rio Grande do Sul. Nem por negociação, nem por diretrizes militares conseguia a deposição de armas rebeldes nessa província. Em março de 1841, sob expressiva influência dos insucessos do governo frente à Revolução Farroupilha, ocorreu queda de gabinete ministerial².

Em 1840, Caxias já conseguira reprimir rapidamente a revolta da Balaiada no Maranhão. Em 1842. dispersou os rebeldes em São Paulo e, depois, em Minas Gerais, após difícil batalha, subjugou os revoltosos. Com esse curriculum de vitórias, já então Barão de Caxias, chegou ao Rio Grande do Sul para exercer simultaneamente a presidência e o comando das armas da Província. General na mais ampla acepção, conhecedor do comportamento dos *casacas* da Corte e com experiências de guerras, foi acumulando sucessos tanto na administração pública como em acões militares.

As outras revoluções liberais do mesmo ciclo ocorridas no Brasil haviam acabado com pesadas consequências para os insurretos, o que incluía prisões, deportações e mortes. A situação no extremo meridional, porém, era diversa. A simultânea ocorrência de guerras entre os vizinhos do Prata e as ameaças que fazia Rosas de invadir o território brasileiro indicavam a necessidade de uma pacificação que fosse honrosa aos farroupilhas. Estes. que adversários do dia, poderiam ser aliados do futuro, o que de fato veio a acontecer poucos anos depois, também sob a liderança de Caxias.

Não seria exagero afirmar que na época o território da República Riograndense já se restringia à figura itinerante formada pelas sombras dos guerreiros revolucionários, e de seus cavalos e carretas, projetadas sobre o solo. O governo da república andava sobre cargueiros e sua estrutura de arrecadação já entrara em colapso.

Lideranças farroupilhas como Domingos de Almeida, Ulhoa Cintra e mais de uma centena de outros, que já não mais integravam as forças farroupilhas, se abrigavam desde março daquele ano sob anistia concedida por Caxias³.

A opinião pública ansiava majoritariamente pelo fim daquele conflito que já durava quase uma década.

As rivalidades estabelecidas entre as principais lideranças farroupilhas exacerbavam-se, o que não é raro em facção bélica que atinge acentuado declínio. Mesmo as tratativas de pacificação incrementavam tais rivalidades, o que era estrategicamente explorado por Caxias. Este, em ofício de 11.09.1844, informava⁴:

"...; estando nessa ocasião ainda reunido o Governo rebelde pelos matos de

³ Antunes, 1950, p.131.

Na primeira quinzena de novembro de 1844. forcas as farroupilhas não em ação ultrapassariam 1500 2000 combatentes. As forças imperiais sob o comando direto de Caxias, a divisão comandada por Bento Manoel Ribeiro e a brigada de Chico Pedro constituíam um exército quase cinco vezes superior às forças revolucionárias. As forças imperiais que faziam guarnições em diversos municípios eram possivelmente maiores também do que a totalidade das forças rebeldes.

² Barman, 2012, p.132-9.

⁴ Idem, p.137-8.

Piratini, tendo à sua testa como Vice-Presidente, José Gomes de Vasconcelos Jardim, o qual era inteiramente governado por Bento Gonçalves e José Mariano de Matos, Canabarro me mandou logo dizer, que por sua parte e pela dos chefes que êle comandava nenhuma dúvida havia, mas que devendo ele ouvir os demais chefes que se achavam isolados pela campanha (Bento Gonçalves e Neto) e o seu chamado Govêrno, que em carretas e cargueiros ainda existia, os ia consultar. Com efeito oficiou Canabarro a Jardim, Bento Gonçalves e Neto a êsse respeito, mostrando vontade de aualauer arranjo fôsse levado a efeito, e mesmo dizendo que a gente que comandava já estava cansada de privações, e que os recursos da República estavam quase exaustos pelo estado desgraçado da Província. Em resposta teve Canabaro um ofício mui sêco de Jardim, em que lhe mandava a cópia do Manifesto que Bento Gonçalves publicou em 1835, dizendo que conquanto confiasse muito nas minhas boas intenções, não lhes convinha depor armas senão declarando o Imperador esta Província, como Estado federado ao Império. Canabarro recebeu com muita indignação esta resposta e daí datou a indisposição dele, Guedes, João Antônio, e Onofre, contra Bento Gonçalves, José Mariano de Matos e Neto, a ponto de se desafiarem Bento Gonçalves com Onofre, de cujo desafio seguiu a morte de Onofre, e de se esperar a cada momento que o mesmo aconteça entre Bento Gonçalves e Canabarro."

Caxias entendia que insuflar tais intrigas era de grande proveito para apressar pacificação⁵. extraordinário controle sobre ações de espionagem e intrigas. No mesmo ofício antes parcialmente transcrito, como que querendo proteger-se de possíveis intrigas palacianas, informou sobre propostas de pacificação as quais não deu cursos por entender que atentavam contra a dignidade do Imperador. Para o informava que, ministério, mesmo havendo tratativas de pacificação, não deixaria de perseguir o insurretos onde quer que eles se encontrassem. Para Bento Gonçalves, de forma mais branda, mas já preparando o que seria o Ataque de Porongos, comunicava que a pacificação não teria por base a suspensão de armas.

Através de Dionysio Amaro, oficial e mensageiro farroupilha, em manobra enganosa e de graves efeitos, fez chegar a Canabarro que ficava "combinado que as operações, nesse tempo, seriam unicamente aparatosas, pois que elle," em face das imperiais instruções, "não podia fazel-as cessar de todo, sem que a paz estivesse feita".6.

Diante disso e da iminência da ida de emissários farroupilhas à Corte, é possível que Canabarro admitisse estar diante de um tipo especial de armistício.

Nas tratativas de pacificação, havia uma grande distância entre o que pretendiam os farroupilhas predisposições ministeriais. lembrar que o Gabinete ainda não admitia conceder anistia aos envolvidos nas rebeliões de 1842. Como esperar então que o governo central fosse concordar com os termos de uma pacificação deveria atender aue importantes exigências farroupilhas? Sem o concurso de um poderoso fator extraordinário, a assunção da dívida farroupilha pelo Império, a manutenção de revolucionários em seus postos militares, a libertação de escravos, a revalidação de decisões jurídicas e eclesiásticas, além de diversas outras exigências farroupilhas seriam óbices intransponíveis. Em seu extraordinário trabalho⁷, Roderick Barman aponta a solução encontrada: *"A partir dessa* posição de força militar, Caxias abriu negociações secretas para persuadir os rebeldes a uma submissão honrada".

⁶ Varela, 1933, V.6, p.229.

⁵ Idem, p.138.

⁷ Barman, 2012, p.147.

Disposição das forças

A figura 1, a seguir, facilita a descrição do posicionamento das forças diretamente ligadas ao Ataque de Porongos.

A 2ª Divisão, sob o comando direto de Caxias, localizou-se em 10.11.1844 nas proximidades de Bagé de modo a impedir que Canabarro retrocedesse ao Uruguai, caso fosse malogrado o ataque levado pela brigada de Chico Pedro. Nessa mesma data, Canabarro deslocava-se no rumo do Cerro de Porongos⁸.

Entre Bagé e Porongos, no Arroio Quebracho, defrontavam-se em tiroteios frouxos as vanguardas de Caxias e Canabarro, precedendo o Ataque de Porongos. Com essa ação, Caxias desviava a atenção de Canabarro para oeste enquanto as forças de Chico Pedro vinham do leste⁹.

As Chico forcas de Pedro começaram a se movimentar em 07.11.1844, deslocando-se durante as noites, e acamparam no dia 13 distante duas léguas do acampamento de Canabarro. A força original de Chico Pedro fora incrementada com as guarnições de Pelotas e Jaguarão, além de outros pequenos contingentes, chegando a um efetivo de 1.170 homens¹⁰.

O deslocamento das forças de Chico Pedro, de Canguçu para Porongos (07 a 14/11) ocorreu em luas minguante e nova que são as das noites mais escuras¹¹.

⁸ Guerra dos Farrapos, 1943, p.303. Antunes, 1950, p.153-4.

http://www.tutiempo.net/luna/fases 11 1844.htm? Ou em http://calendario.24.com/brasil/lua/fases/ 1844. Acessos em 16.11.2014. Figura 1¹²: a linha branca (contínua e pontilhada) mostra o provável deslocamento de forças que se reuniram para compor a brigada de Chico Pedro e atacar Canabarro em Porongos.

O leitor poderá se perguntar: mas



se Canabarro antes de 10.11.1844 estava em território uruguaio, como explicar que Chico Pedro, já em 07.11.1844, se deslocava no rumo oeste para atacá-lo?

Ocorre que em 06.11.1844, Portinho já estava no Quebracho, enfrentando Francisco Félix, o que indicava que Canabarro iria acampar na retaguarda de seu vanguardeiro 13.

O exame de ações e de algumas manifestações de Chico Pedro revela um comandante com singular habilidade para ações noturnas, sua forma usual de ataque¹⁴. Em uma ocasião, Chico Pedro chegou a adiar um ataque porque lhe restavam insuficientes horas de trevas para fazê-lo¹⁵. Estabeleceu regras de

⁹ Rodrigues, 1898. Machado, 2011, p.25.

¹⁰ Guerra dos Farrapos, 1943, p.302.

¹¹ Disponível em

¹² Figuras 1 e 2 estão baseadas em disponibilizações de Google Earth acrescidas de indicações do autor.

¹³ Rodrigues, 1898; Machado, 2011, p.25.

¹⁴ Azambuja, 1928, p.41.

¹⁵ Abreu. 1921.

procedimentos na unidade que comandava, as quais previam

prisão para quem ousasse fumar durante deslocamentos noturnos. 16 Foi um pioneiro ao usar a Marinha Brasileira como um suporte decisivo para ações de cavalaria. 17 A figura 2 mostra o Cerro de Porongos e cercanias com algumas indicações de altitudes e os quadrantes norte e leste.

Com base em deduções e em alguns escritos sem referências documentais precisas, acredita-se que as forças de Canabarro estavam acampadas a leste do Cerro de Porongos. Da esquerda para direita, sucediam-se os acampamentos de Canabarro, João Antônio e Souza Neto. O rápido confronto entre os comandados de Teixeira Nunes e as forças atacantes teria ocorrido nas proximidades da

45 m 440 m L 90 m

Figura 2: Cerro de Porongos e adjacências com indicações de altitudes em alguns pontos

indicação do quadrante norte.

Importa destacar que estava ajustado entre os farroupilhas e Caxias

que na manhã do dia 14.11.1844 os emissários republicanos, Vicente da Fontoura e Padre Chagas iriam ao acampamento imperial de modo a de lá seguirem para a Corte a fim de darem seguimento às tratativas de pacificação. Também estava previsto que nessa ocasião haveria troca de prisioneiros. Na madrugada desse mesmo dia, porém, as forças de Canabarro foram surpreendidas pelo ataque das forças de Chico Pedro.

Descrição e seguimento

Com base na Ordem do Dia nº170 de Caxias e em depoimentos de três participantes do combate, o farroupilha João Pedro da Costa e os legalistas Pedro José Bandeira e Leonel Ribeiro de Almeida¹8, Alfredo Ferreira Rodrigues publicou a seguinte descrição do combate:¹9

"...Dormiam todos tranquilos porque em

frente das hostes imperiais a vanguarda do intrepido Portinho observa o inimigo.

Eis o dia vem proximo.

Subito echoa dentro mesmo do acampamento, um som terrivel de clarim, que acorda em sobressalto aos que dormem e gela de espanto os que estão alerta, tocando desesperadamente á carga.

Um esquadrão de 40 homens, não mais, que contornou as posições dos republicanos, correndo com a rapidez do raio sobre os piquetes avançados que abafou sem lhes

dar tempo de despejar um tiro ou soltar um grito de alarme, cae de chofre sobre o exército desprevenido, atroando os ares com brados de vitória.

¹⁶ Azambuja, 1928, p.39.

¹⁷ Lemos. 2014.

¹⁸ Leonel Ribeiro de Almeida era o clarim que tocou "à carga" no acampamento farroupilha.

¹⁹ Rodrigues, 1898, p.215.

A frente deles o temível Fidélis Paes, o vanguardeiro e o braço direito de Chico Pedro, e o segue o esforçado Manduca Rodrigues, já então famoso por actos de inaudita temeridade.

Ao primeiro ímpeto do ataque, succede no acampamento uma confusão indescriptível. Correm os soldados de todos os pontos, attonitos e assombrados emquanto embalde procuram alguns officiaes organizar as fileiras. - É o Moringue! É o Moringue! É o grito de todas as bocas.

A onda humana que se espalhou em várias direcções, tenta ganhar distância para se refazer, fugindo a perseguição daquelle punhado de bravos. Ninguém os suppõe tão poucos, julgando vir ali toda a divisão imperial. Mas eis que a onda se despedaça de encontro a uma barreira inesperada. É o próprio Chico Pedro, que, emboscado com o grosso de suas forças, esperava o resultado do ataque para surgir pela frente dos que fogem.

A situação é terrível. Os farrapos, passado o primeiro momento de estupor, cobram animo e dispõe-se a morrer lutando. Teixeira, o bravo dos bravos, cujo denodo assombrou um dia ao próprio Garibaldi, reune os seus lanceiros, o 4º regimento de linha e alguns esquadrões e leva uma carga aos atacantes. As fileiras destes afrouxam, mas os imperiais se multiplicam, surgem de todos os pontos. Segunda carga, mais impetuosa, mais desesperada, é também repelida.

É este o signal de debandada geral. Em vão os chefes chamam os soldados ao dever, dandolhes o exemplo. Nada os contem e o exército como por encanto se dissolve, arrastando consigo ainda aos que querem luctar. Apenas alguns grupos mantem-se resistindo e nelles o combate se trava a arma branca. Tombam os lanceiros negros de Teixeira, brigando um contra vinte, num esforço incomparável de heroísmo. Ouve-se o tinido do ferro contra o ferro e echoam a espaços alguns tiros isolados, que o ardor da peleja não deixa tempo de morder os cartuchos e carregar as armas. É uma carnificina sem nome, um desbarato completo.

Um pouco mais e toda a resistencia se abate. Cae morto o derradeiro heroe, rendese o ultimo bravo. Começa então a caça aos fugitivos retardatários, que se prolonga pelo dia adeante.

Chico Pedro, vencedor emfim do unico adversario que jamais podera vencer, está senhor de todo o campo, ..."

A antes referida Ordem do Dia de Caxias informa acerca das perdas farroupilhas:²⁰

"A derrota do Exercito titulado Republicano de mais de mil homens foi total; sua perda excede a de cem homens mortos, 333 prizioneiros, inclusive 35 titulados officiaes, e o seo Ministro da Fazenda José Francisco Vaz Viana, 14 feridos gravemente, os quaes foram entregues à charidade de hum vizinho proximo do lugar, e á cargo de Ciruraião: toda а Baaaaem. Abarracamento, Armamento de Infantaria, 1.500 Cartuxos de adarme 17, porção grande deste artigo de adarme 11, muitos de Cavalleria, mais de 1:000 Cavallos, parte destes arreados, 5 Estandartes, o Arquivo completo de Canabarro, que revelou a Sua Ex.a as sinistras tramas do Gen.al D. Frutuoso Rivera, ..."

Tendo recebido o comunicado de Chico Pedro acerca do combate, Caxias determinou o envio dos prisioneiros para Pelotas escoltados pelas forças que haviam sido incorporadas a 8ª Brigada, o que reduzia o efetivo desta à dimensão anterior²¹.

Apesar das significativas perdas, em poucos dias Canabarro reorganizou suas forças atingindo um efetivo de aproximadamente mil homens. Embora haja registro de que Canabarro, logo após o combate, tenha se manifestado pela suspensão das tratativas de pacificação, os emissários farroupilhas apresentaram-se a Caxias em Bagé, um ou dois dias depois, de onde seguiram para a Corte.

Ainda no mês de novembro de 1844, a brigada de Chico Pedro bateu um destacamento farroupilha comandado por Teixeira Nunes, o que

²⁰ Guerra dos Farrapos, 1943, p.303.

²¹ Idem.

Caxias comunicou ao Ministro da Guerra em 02.12.1844:²²

"..., posso assegurar a V. Excia. que o mencionado Coronel foi morto no campo de combate, deixando dois tenentes prisioneiros, e 8 praças de pré, e que a tôda a partida que constava de mais de 100 homens, foi completamente dispersa, deixando o campo, por espaço de duas léguas, juncado de cadáveres."

Vale atentar para o fato de que foi abatida em Porongos uma fração dos comandados de Teixeira Nunes, o que tem sido omitido ou deturpado por alguns autores. Dentre os cem mortos de Porongos, diversos não eram lanceiros negros. Há estimativa de que oitenta lanceiros negros tenham perecido em Porongos²³. No combate de 26.11.1844, uma quantidade maior dos comandados por aquele coronel farroupilha foi presa, morta ou dispersada pelas forças de Chico Pedro.

Após a pacificação, mais de 120 lanceiros negros foram incorporados por Caxias aos três regimentos de cavalaria da Província.²⁴

Alguns autores dão a entender que em Porongos houve extermínio dos escravos que, como libertos, integravam o Exército Farroupilha. A esse respeito, cabe perguntar: por que na Ata de Ponche Verde, de fevereiro de 1845, constava uma exigência farroupilha assim expressa "São livres, e como taes reconhecidos, todos os captivos que serviram na República."? ²⁵

Aproximadamente um mês depois do Combate de Porongos, Chico Pedro passou a distribuir ardilosamente cópias de uma carta com autoria atribuída a Caxias da qual se poderia deduzir que Canabarro teria traído os farroupilhas, assunto que é examinado no capítulo III.

Caxias na concepção e iniciativa do Ataque de Porongos

Os pendores naturais, a tradição familiar, a formação e experiência profissional já faziam de Caxias um extraordinário general ao tempo da Revolução Farroupilha. Sua visão de estadista também muito ajudou para que conseguisse na época o que diversos que o precederam na missão não conseguiram. Sua criatividade e a esmerada atenção a detalhes na formulação de estratégias são algumas das características que impressionam sobremodo quem se dedique a examinar com acuidade a carreira militar desse qual muito deve general, ao integridade territorial brasileira.

É inimaginável que um militar com tantos méritos e qualificações, e com tal biografia, fosse deficiente em capacidade de comando. O exame das ordens do dia que emitiu naquela revolução revela um general cioso de adequada centralização do mando, detalhista e disciplinador²⁶.

Direcionando esse exame para os personagens em análise, vale observar parte de um ofício de Caxias para Chico Pedro, datado de 11.08.1844, no qual aquele general, ao reiterar uma ordem, consigna uma reprimenda:²⁷

"Dos movimentos dessa Brigada desde que me separei de V. Mce. na Orqueta, apenas soube do encontro com Neto, e nada mais; não posso crer que V. Mce. a despeito do tanto que lhe recomendei tenha deixado de me fazer amiudamente próprios, estando mais inclinado a crer que tenham sido extraviados os seus ofícios, e por isso novamente lhe ordeno que tenha o maior

²² Antunes, 1950, p.159.

²³ Bento, 1976, p.172.

²⁴ Idem, p.173.

²⁵ Varela, 1933, v.4, p. 282.

²⁶ Guerra dos Farrapos, 1943.

²⁷ Antunes, 1950. p.132.

participar cuidado de me qualquer acontecimento que ocorrer por esse lado, ..."

Alguns autores se referiram ao Ataque de Porongos como decorrência de um "descuido de Canabarro e mais uma das surpresas de Chico Pedro". A história assim contada dá a entender aue aquele ataque decorreu deliberação exclusiva de Chico Pedro, oficial imperial que se notabilizou em diversas ocasiões por ações originais e surpreendentes.

Em suas memórias, no tocante a providências que precederam o Ataque de Porongos, Chico Pedro refere ordens que expediu para reunir cavalos e suas intensas atividades reunindo gente em Pelotas e Rio Grande. É lacônico na descrição do ataque, dando mais ênfase às baixas produzidas nos farroupilhas²⁸.

Em parte de um ofício de Caxias ao Ministro da Guerra do Império, datado de 19.11.1844. podemos observar:29

"Logo que Davi se recostou sôbre o Jaguarão, eu tive a cautela de ordenar ao Coronel Francisco Pedro de Abreu, Comandante da Brigada de Esquerda, que então se achava com 300 homens de Cavalaria e 200 de Infantaria, que se concentrasse sôbre Pelotas, e tratasse de se refazer de Cavalos, enquanto eu o habilitava com mais fôrças para combinar com a coluna centro movimentos do seus Canabarro. Ordenei em seguida que o 5º Batalhão de Caçadores que se estava organizando na Cidade de Rio Grande, com recrutas que haviam anteriormente chegado da Côrte, fosse ocupar a Cidade de Pelotas, e que o 7º Batalhão da mesma arma, que se achava naquela cidade, e o 2º Corpo de Cavalaria que também a policiava, se reunissem a 8ª Brigada assim como o 10º Corpo da mesma arma que guarnecia a Vila de Jaguarão. Com isso elevei a Cavalaria da 8ª Brigada a 600 homens e a Infantaria a *320.*

toda essa gente reunida, ordenei ao Coronel Francisco Pedro de Abreu, que procurasse o inimigo fazendo suas marchas ocultamente. Tendo então recebido em Jaguari 1200 Cavalos Gordos, vindos da Serra, marchei com a 2ª Divisão até as imediações de Bagé, conservando-me entre os dois Pirais, enquanto Francisco Pedro se aproximava, a fim de sair de frente a Canabarro, no caso que êste Coronel não o pudesse bater, e que êle quisesse procurar a junção com Guedes no Estado Oriental."

Como sói acontecer com pessoas conscientes de suas notoriedades, Chico Pedro, em suas memórias, refere a si mesmo na terceira pessoa. Assim procedendo, no tocante a referida arregimentação de forças para a operação contra Canabarro. consignou:30

"..., e como que para essa commissão andava o C. Abreu por Pelotas incansavel a reunir gente, e até por Rio Grande, reunidas as forças e certo pelos seus bombeiros da posição do Exercito do Gen. David Canabarro,

Embora 0 uso da palavra "comissão", não se observa referência específica às ordens recebidas de Caxias. É óbvio, porém, que Chico Pedro não tinha autonomia para retirar guarnições de Pelotas e Jaguarão, nem pra transferir forças de Rio Grande para Pelotas.

Caxias sabia da procedente incredulidade de Canabarro quanto a ser atacado pela brigada de Chico Pedro, pois esta contava com um efetivo bastante inferior às forças pessoalmente comandadas por aquele farroupilha. No antes referido ofício de Caxias para o Ministro da Guerra do Império, podemos observar:

"... dizendo publicamente Canabarro que estava disposto a bater-se com a 8ª Brigada, porque a julgava apenas com combatentes.

Logo que tive

²⁸ Abreu, 1921. p.201-202.

²⁹ Antunes, 1950. p. 153-154.

³⁰ Abreu, 1921. p. 201-202.

Também é esclarecedora uma parte da Ordem do Dia de Caxias, de nº 170, datada de 21.11.1844 e subscrita pelo Subcomandante do Estado Maior:³¹ "Na tarde de 15 de Setembro o Sñr. General com este Batalhão, e o 3º Regimento se poz outra vez em marcha, procurando reunir-se á Força de que se havia separado; o que verificou na Estancia do Capitão Joaq.m Pereira, na manhãa de 21 do mesmo mez. Achava-se a 2ª Divisão no dia 17 de Outubro no Campo do finado Rufino; ahi se reunio o Sñr. Major Baptista de Mello com 1:200 Cavallos gordos trazidos da Serra. Canabarro se conservava por Jaguarão. Sua Exa concebeu o projeto de o bater, e para isso, que o 5º Bm. de Caçadores marchasse para a Cidade de Pelotas á render o 8º desta Arma e que este Batalhão, com o 2º Corpo de Cavalleria de Guardas Nacionaes, que policiava aquelle Municipio se incorporassem a 8ª Brigada do Commando do Sñr. Coronel Francisco Pedro de Abreu; que o 4º de Fuzileiros, apouco chegado da Corte seguisse a occupar a Villa de Jaguarão, afim do 1º Corpo de Cavalleria de Guardas Nacionaes, e perto de 100 Infantes do 8º de Caçadores tambem se reunirem á mesma Brigada, e bem assim o 5º Corpo das mesmas Guardas empregado em diversos Pontos da Comarca de Piratiny, e Districtos do lado esquerdo do Camaquãa. O espaço de quasi 2 mezes foi despendido no preparativo desta Expedição. que em n. de 1.170 Praças de Cavalleria, e Caçadores do mando do dicto Sñr. Coronel Abreu, se poz em marcha ao escurecer do dia 7 do corrente, e continuando a aproveitar as trévas da noite, emboscando-se durante o dia. ficou á 13 distante do inimigo 2 legoas sem ser por este presentido."

Como vemos, essa ordem do dia é posterior ao Ataque de Porongos. Nas ordens do dia anteriores não se observam menções ao que seria desenvolvido por Chico Pedro, nem ordens para os deslocamentos de forças relatadas na Ordem do Dia de nº170. Alguns ofícios de Caxias para o Ministro da Guerra, datados de abril e junho de

1844, solicitavam o envio de 400 recrutas da Corte, mas informava que tal contingente seria usado para guarnecer Jaguarão, um ponto sensível incursões de farroupilhas aue seguidamente se internavam no Uruguai e muito exposto aos contendores da aue simultaneamente guerra desenvolvia naquele país. No entanto, tais recrutas foram usados substituição de forças que foram agregadas à brigada de Chico Pedro.

A falta de registros prévios relativos às providências acima mencionadas. porém. deve não constituir surpresa. Era imperiosa a necessidade de sigilos e as ações de Caxias lembram muitas vezes preceitos iá constantes no mais antigo tratado sobre guerras que o mundo conheceu, A Arte da Guerra, de Sun Tzu, que assim ensinava:32

"Um bom general tira partido de tudo, e só é capaz disso porque age com o maior sigilo, conserva o sangue-frio e comanda com retidão, mas de tal forma que fascina os olhos, mas engana os ouvidos de seu exército. Se seus próprios soldados ignoram-lhe os projetos, como os inimigos poderiam desvendá-los?"

0s documentos antes mencionados e diversos outros que a estes poderiam ser agregados deixam claro que o Ataque de Porongos não foi resultante de uma atitude isolada de Chico Pedro no comando de sua brigada. Foi uma operação complexa montada durante dois meses ou mais, envolvendo diversos deslocamentos de tropas, dentre os quais OS de algumas guarnições importantes. Somente o comandante geral poderia determinar tais providências, o que ele só faria diante de objetivos claramente estabelecidos. Vê-se, portanto, atribuir a concepção e iniciativa do Ataque de Porongos a Caxias decorre de

_

³¹ Antunes, 1950. p. 302.

³² Tzu, 2000, p.126.

imposição documental combinada com a admissibilidade dos papéis que poderiam ser desenvolvidos por este e por Chico Pedro.

A carta - Texto e procedência

A carta distribuída por Chico Pedro após o Combate de Porongos apresenta o seguinte conteúdo:³³

Ilustríssimo Senhor – Regule suas marchas de maneira que, no dia14, às duas horas da manhã, possa atacar a força ao mando de Canabarro, que estará nesse dia, no Cerro dos Porongos. Não se descuide de mandar bombear o lugar do acampamento, de dia, devendo ficar bem certo de que ele haverá de passar a noite nesse acampamento. Suas marchas deverão ser o mais ocultas que possível seja, inclinando-se sempre sobre sua direita. pois posso afiançar-lhe Canabarro Lucas ajustarão esuas observações sobre o lado oposto.

No conflito poupe sangue brasileiro quanto puder, principalmente de gente branca da Província ou índios, pois bem sabe que essa pobre gente ainda nos pode ser útil no futuro. A relação junta é das pessoas a quem deve dar escapula, se, por casualidade, caírem prisioneiras. Não receie a infantaria inimiga, pois ela haverá de receber ordem de um ministro e de seu general em chefe, para entregar o cartuchame sob pretexto de desconfiarem dela. Se Canabarro ou Lucas, que são os únicos que sabem de tudo, forem prisioneiros, nem levemente, desconfiar, nem mesmo os outros, que pedem que sejam presos, pois bem deve conhecer a gravidade deste secreto negócio, que nos levará, em poucos dias, ao fim da revolta desta Província. Se por acaso cair prisioneiro um cirurgião ou boticário de Santa Catarina, casado, não lhe reviste sua bagagem, nem consinta que ninguém lhe toque, pois com ela deve estar a do Canabarro. Se, por fatalidade, não puder alcançar o lugar onde lhe indico, no dia 14, às horas marcadas, deverá desferir o ataque para o dia 15 às mesmas horas, ficando bem certo de que neste caso o

acampamento estará mudado um quarto de légua, mais ou menos por essas imediações em que estiverem no dia 14. Se o portador chegar a tempo de que essa importante empresa se possa efetuar, V. Sa lhe dará seis onças, pois ele me promete entregar em suas mãos este ofício até às quatro horas da tarde do dia 11 do corrente. Além de quanto lhe digo nesta ocasião, já V. Sa deverá estar bem ao fato do estado das coisas pelo meu oficio de 28 de outubro e por isso julgo que o bote será aproveitado desta vez. Todo segredo será indispensável nesta ocasião e eu confio no seu zelo e discernimento, certo de que não abusará deste importante segredo. Deus guarde a V. Sa - Quartel General e do Comando em Chefe do Exército em marcha nas imediações de Bagé, 9 de novembro de 1844 – Barão de Caxias, Ilmo, Sr. Coronel Francisco Pedro de Abreu, comandante da 8ª Brigada do Exército.

Uma cópia desta carta pode ser observada no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Coleção Varela, documento nº3730, figura 3.

Figura 3: cópia da carta de autoria atribuída a Caxias encontrada nos arquivos de Domingos de Almeida. Esquerda: 1ª e 4ª páginas. Direita: 2ª página.



Essa cópia foi enviada por Bernardo Pires para Domingos de Almeida, acompanhando uma carta datada de agosto de 1859, da qual

³³ Varela, 1933,V.6, p.249-51; Antunes, 1950, p.147.

podemos observar a transcrição parcial que segue:³⁴

"Vai a Reservadissima para, digo, que detalha a surpresa dos Porongos, da qual faço mui individual menção para que no caso de que possa ella ter lugar de aparecer em nossa Historia ou mesmo publicada em jornais, que não nos sirva de vergonha, e para isso = declaro solenemente que tal escrito foi por mim copiado do original ou coisa mui parecida, que Chico Pedro Morinaue mostrou ao Sr. Manoel Rodrigues Barboza em muita reserva e este me mostrou; mas note-se que foi isso muito depois dessa famigerada surpresa, hum mez pouco mais ou menos; portanto, devemos crer que fosse isso hum meio de ridicularizar e intrigar-nos huns com os outros, pois não posso conceber que Canabarro e Lucas combinassem semelhante traição, e tanto mais creio que fosse hum manejo de intriga assim inventado, porque nunca poderia a surpresa sair tão exata ao plano feito como saiu, e também porque se Moringue venerasse as ordens de seu senhor, não mostraria essa fantastica reservadissima hum homem а mostrando-me: disse que bom seria tirar della hum translado, como tirei nesses dias em que esse Ratoneiro da especie humana se assanhava em derramar o precioso sangue de nossos Compatriotas, não em campo raso, mas debaixo dos auspicios da mais vil traição, como sempre foi seu vergonhoso costume..."

Outra cópia de mesmo teor pode ser observada na Coleção de Ofícios do Barão de Caxias – 1842 a 1845.³⁵ De acordo com depoimento de Felix de Azambuja Rangel, que adiante aparece transcrito, essa outra via teria origem em cópia do original de Chico Pedro feita pelo secretário de Caxias por determinação deste. Na dita coleção, porém, ela está deslocada da ordenação adotada para os demais ofícios.³⁶

Inconsistências

Diversas inconsistências poderiam ser apontadas nessa carta. Apenas exemplificando, o presente texto lembra as duas que seguem.

Desarmonia de datas

Em ofício de 10.11.1844, Caxias informa que "Davi Canabarro acha-se sobre o Jaguarão com destino a passar o rio Negro no passo da Carpintaria."³⁷

A carta distribuída por Chico Pedro mostra que Caxias a teria escrito em 09.11.1844, mas informava que o ataque deveria ser direcionado sobre Porongos. sendo que nessa data Canabarro ainda estava em território Oriental. Admitindo-se a idéia de um conluio comandantes entre os adversários, isso sugere que Caxias e Canabarro teriam combinado antes o local de acampamento deste. Caso isso ocorrido. tivesse não haveria necessidade da carta, pois Caxias, tão perfeccionista e conhecedor do valor do sigilo na formulação de suas operações, poderia ter dado tais instruções antes de Chico Pedro começar a marcha para o ataque.

Em suas memórias, Chico Pedro informa que a partir de 10.11.1844, depois de quatro noites de marchas forcadas Canabarro atacou Porongos.³⁸ Isso, porém, não significa que não tenha se deslocado durante outras noites em marchas não forcadas. O mesmo documento informa que foi nessa data que se reuniram todas as forças que compuseram sua brigada para o ataque. O Subcomandante do Estado Maior de Caxias informou que em 07.11.1844 as forças comandadas por Chico Pedro haviam iniciado os deslocamentos com o objetivo

³⁴ AHRS CV-7428.

³⁵ Antunes, 1950, p.147.

³⁶ Idem. p.148.

³⁷ Idem, p.146.

³⁸ Abreu, 1921, p.202.

atacarem Canabarro.³⁹ O depoimento de Felix de Azambuja Rangel, adiante transcrito, Ajudante de Campo de Chico Pedro no combate, informa que as forças se reuniram em Canguçu e que marcharam durante sete noites antes de atacar Canabarro.

Quase ao fim da carta distribuída por Chico Pedro, há a informação de que o mensageiro entregaria a mesma até as quatro horas da tarde de 11.11.1844. Ocorre que nessa data as forças de Chico Pedro já faziam marchas forçadas, ocultando-se durante o dia, consumindo comidas já cozidas para evitar fogos, usando panos para evitar ruídos de espadas e componentes metálicos de arreios.

Por que estaria fazendo isso se ainda não sabia onde e quando atacar Canabarro? Estaria marchado de forma tão dissimulada com que destino até o dia 11?

Mas em suas memórias, Chico Pedro refere também que em 10.11.1844. informado por seus bombeiros sobre o paradeiro de marchas Canabarro. iniciou suas forçadas. Não faz qualquer registro de instruções complementares de Caxias através de carta.

Diante das detalhadas instruções que já passara a Chico Pedro, por que Caxias correria o risco de arruinar a operação pela possível prisão de um mensageiro usado desnecessariamente?

<u>Irrealizável encenação de um roteiro</u>

Quem examinar a descrição do combate deve concluir de pronto que a carta foi escrita após a realização do mesmo. Como escreveu Bernardo Pires, antes referido: "...nunca poderia a surpresa sair tão exata ao plano feito como saiu,...".

Como se deduz do texto, caso não fosse apócrifo, o remetente da carta teria tal grau de premonição que chegou a prever, entre os prisioneiros, as presenças de um boticário catarinense e sua mulher carregando as canastras de Canabarro. Mas se não houve premonição, teria havido necessidade de o referido casal ser instruído acerca da encenação, o que se confronta com outra parte da carta que informa "...Canabarro ou Lucas, que são os únicos que sabem de tudo....".

Dentre os mortos do combate, havia, como seria de esperar, predominância de lanceiros negros, que eram tropa de choque.⁴⁰ A leitura da carta, porém, sugere que isso teria sido decorrente de uma seleção de vítimas efetuada Chico Pedro.

Como realizar tal seleção em alta madrugada de lua nova em um combate que durou minutos?

Há quem contraponha que os acampamentos de negros, índios e brancos eram distintos, o que facilitaria a escolha. Ocorre que não pereceram apenas negros e nem estes foram maioria entre os prisioneiros.

Por que apenas índios e brancos comporiam "a pobre gente que nos pode ser útil no futuro"?

Importa lembrar que, terminada a guerra, Caxias determinou a incorporação de apreciável quantidade de negros no Exército Brasileiro. Essa presença negra foi de grande importância em 1851 e na Guerra do Paraguai, apenas para citar campanhas com destacadas participações de Caxias.

Como em Porongos pereceram mais negros do que brancos ou índios, Chico Pedro inventou essa infeliz ordem de exclusão com o intuito de fixar matizes de autenticidade a sua carta apócrifa.

³⁹ Antunes, 1950, p.302.

⁴⁰ Bento, 1972, p.169.

Testemunhos da falsificação

Em 1897, Alfredo Varela publicou um livro intitulado Riogrande do Sul, no qual insinua traição de Canabarro relativamente ao episódio de Porongos.⁴¹ Em 1898, Alfredo Ferreira Rodrigues publicou uma contradita, ao fim da qual acusava Varela irresponsabilidade por ter atacado a memória de Canabarro sem base documental. valendo-se apenas boatos e informações oriundas de uma única parcialidade política.42

Estabelecia-se assim uma controvérsia entre os dois escritores que foram os maiores colecionadores de documentos sobre a Revolução Farroupilha. Tais documentos atualmente constituem a Coleção Varela e Coleção Ferreira Rodrigues do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Em 1899, Varela, contraditando Ferreira Rodrigues, publicou o trabalho intitulado *A pacificação do Rio Grande do Sul* no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro. Nesse trabalho, Varela divulgou a carta de Chico Pedro, cópia já referida, encontrada nos arquivos que haviam pertencido a Domingos de Almeida.⁴³

Nesse mesmo ano, Ferreira Rodrigues preparava nova manifestação sobre o tema quando recebeu correspondência de um parente de Chico Pedro que integrara as forças deste durante a Revolução Farroupilha. A seguir, pode ser observada transcrição parcial da referida carta subscrita por Manoel Patrício de Azambuja:44

"Ilmo Sr. Alfredo F. Rodrigues

Tendo vivido 7 annos, sempre em campanha na ultima phase da revolução de

⁴² Rodrigues, 1898, p.215.

35, no 5º Corpo de Cavallaria da Guarda Nacional, criado e sempre ao mando do denodado servidor da patria Francisco Pedro de Abreu, presenciei muitos fatos ocorridos naquela revolução. Posso portanto satisfazer na parte que tenho conhecimento, que é em tudo verdadeiro o exposto sobre [...] do nosso Rio Grande por ocasião daquella revolução e outros acontecimentos narrados em vosso Almanak deste anno.

Li vosso pedido na nota 18 do Almanak de 1898, [...] por mais desejos que tivesse de satisfazer em tempo, não foi possivel mas agora, pois queria juntar ao meu testemunho outro muito mais valioso. Existe ainda em Rio Pardo meu cunhado Felix de Azambuja Rangel, que naquelles 7 annos da revolução tambem serviu no mesmo corpo, com graduação de alferes, assim como era companheiro inseparavel de Chico Pedro já como ajudante de armas e ultimamente de campo, tendo ao lado de seu chefe assistido ao ataque dos Porongos.* "

O asterisco remete à seguinte nota explicativa:

"Nunca separei-me de meu corpo em todo o tempo que servi. Não assisti porem aquelle feito de armas, por estar convalescendo em Santo Amaro de um balaço que recebi na cabeça (cujo projétil ainda ahi encontra-se) por ocasião do combate de Cadiota em 16 de março de 1844."

Segue Azambuja:

"Chico Pedro como um verdadeiro patriota desejava com ansiedade o termo da guerra por isso [...]

[...] pedi a meu filho Dr. Fabio P. de Azambuja fosse a Rio Pardo entender-se com o seu tio e padrinho e ajudante de campo do Cel, Chico Pedro, para obter os apontamentos que junto acha-se assignados por mim [...] Posso garantir o que ahi verá não tendo minimo receio de ser desmentido por quem quiser que seja, porque como já disse tenho de tudo conhecimento é a própria verdade. Antes de terminada a revolução, quando voltei a meu corpo restabelecido do ferimento que recebi a 16 de Março de 44, ouvi do Chico Pedro (meu parente próximo) dizer - produziu bom effeito a bomba que lancei no meio dos Farrapos [...][...] reuni-me a meu corpo

⁴¹ Varela, 1897.

⁴³ Varela, 1899.

⁴⁴ AHRS FR-11.

justamente na quinta do Bibiano a que se refere os appontamentos de meo cunhado, mas ahi não sabia da trama urdida por Chico Pedro do falço officio e imitação da firma de Caxias pelo Cap. João Machado, que era do mesmo corpo e servia em commissão de Major de brigada. [...] indo para a fronteira no rumo de Jaguarão. Em caminho Felix Rangel expôs-me reservadamente parte do que foi dito em esse apontamento e mais tarde o próprio B. do Jacuy [...][...] Aqui termino estes apontamentos que pode tomarse como documentos. Junto envio-vos diversas cartas que talvez em algum sentido possam ser necessarias ao historiador. Disponha de vosso Patricio agradecido -Manoel P. de Azambuja. Estancia de Santa Martha, em S. Gabriel 6 de Agosto de 1899."

Como anunciado na carta, Manoel encaminhou seu filho Fabio Azambuja, então futuro Marechal do Exército, a Rio Pardo para tomar o depoimento de seu tio e padrinho, Felix de Azambuja Rangel. Felix, parente e amigo inseparável de Chico Pedro, fora Ajudante de Armas e, por fim, Ajudante de Campo deste, situação em que participou do Combate de Porongos.

A seguir, pode-se observar a transcrição do depoimento:⁴⁵

"Ataque dos Porongos (Apontamentos de Felix de Azambuja Rangel passados para o Dr. Fabio Patricio de Azambuja)

Canabarro a frente de seu exercito de 1000 a 2000 homens achava-se acampado em Porongos. Francisco Pedro Comandante das forças estacionadas em Cangussú, sciente Canabarro posição de ententou sorprehendel-o. Reunio suas forças e quando achou-se prompto e preparado encetou suas marchas tendo a cautella de emboscar-se de dia. Ao cabo de sete noutes consecutivas de marchas estava ele em Porongos. Nenhuma advertência teve Canabarro de sua aproximação, de sua chegada: tanto que ao romper do dia atacando Francisco Pedro sua

vanguarda, disse elle: É o bodinho do Fidellis e entretanto minutos depois estava elle derrotado e desbaratado, deixando 300 prisioneiros um individuo com sua mulher e duas canastras a quem Francisco Pedro deixou ir-se por haver dito ser o medico das forças e entretanto era o portador das Canastras de Canabarro conforme tempo depois gracejando com elle lhe fez ver um official prisioneiro. Acampou Francisco Pedro a uma legua mais ou menos de Porongos e ahi escreveu a Caxias que estava em Bagé dando parte da derrota inflingida a Canabarro. Logo em seguida entregou os prisioneiros todos ao batalhão de infantaria que o acompanhava e remeteu-os para Rio Grande e marchou em perseguição a Canabarro dizendo que só lhe restava ir a S. Goncalo tomar a cavalhada da invernada do governo que alli se achava e depois ir combater a forças contrarias estacionadas em Rio Pardo ou Cachoeira. E tomando Canabarro rumo de Bagé elle tomou rumo oposto indo mais tarde encontral-o n'aquelle rumo como havia pensado. Seguindo-o de perto não podendo Canabarro levar a effeito o que desejava. Nessa perseguição, perto da Quinta do Bibiano, estando Francisco Pedro acampado no Paço do Pequery disse a seu Major de Brigada João Machado de Moraes: És capaz de imitar a firma do Caxias? Respondeu elle a letra é boa e talvez possa imitar – Pois vamos fazer uma intriga contra Canabarro. Este homem é o unico que pode sustentar ainda a revolução portanto vamos fingir um officio de Caxias para mim dizendo que no dia tal (ataque dos porongos) mais ou menos va atacar Canabarro e derrotal-o, visto haver entre elle Barão de Caxias e Canabarro e officiais deste um convenio (indicando os meios de que reffere quando dito Francisco Pedro derrotou Canabarro). Esta intriga foi devido a dizerem os republicanos que Canabarro era um traidor. E assim esse distincto General Republicano passou por traidor o que é uma grande offensa ao seu illibado caracter a sua imorredoura memoria.

-

⁴⁵ AHRS FR-11.

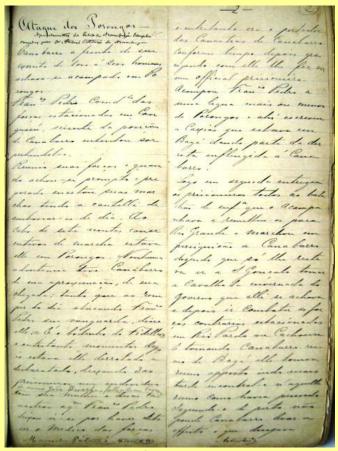


Figura 4: primeira página do depoimento de Félix de Azambuja Rangel, documento que pode ser observado na Coleção Ferreira Rodrigues do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

Quanto ao desarmamento ou melhor falta de fogo do batalham de infantaria de Canabarro que tanto servio para acoroçoar a injustiça de tachal-o traidor assim deu-se como vou explicar. Desde que Canabarro acampou-se nos Porongos Francisco Pedro propalava constantemente que elle contava com o batalham de Canabarro e que quando se empenhassem em fogo elle faria fogo contra Canabarro isto é, contra a gente de Canabarro. Sendo preso um official de Canabarro por Francisco Pedro, pedio a este que não o deixasse sofrer tantos trabalhos sendo deportado. Elle então respondeu que só se elle fosse trabalhar a favor do Governo com infantaria e que la encontraria companheiro em serviço. Perguntou o dito official qual era seu companheiro. Francisco Pedro respondeu estar ahi a chave do segredo mas que elle fosse trabalhando que haveria de encontral-o. Este official foi solto e

apresentando-se ao Gal. Netto, republicano, relatou semelhante facto e este com a presença de Canabarro. A vista disto mandou Canabarro publicar uma ordem do dia prendendo e recolhendo cartuchame e declarando que seria distribuido por occasião do combate. Não me recordo o nome deste official porem o vi prisioneiro e assisti a tal conversação entre elle e Francisco Pedro. Chegando Francisco Pedro a Quinta do Bibiano entre os arroios D. Marcos e Pequiry ahi escreveu para a Cachoeira pedindo ao Ten. Cel. Fernandes de vir juntar-se a elle e desse modo fazer frente a Canabarro. Fernandes não quis e foi juntar-se a José Joaquim em Rio Pardo ecircinstancias não poude privar que Canabarro pela Encruzilhada sahisse para a Campanha; pois tinha apenas 500 homens e Canabarro 1000 e tantos. Teve então de voltar e encontrando-se com Caxias em Piratinim mostrou o supposto officio que elle dictou em Piquiry no que Caxias approvou e mandou tirar pelo seu secretario a copia e assignou entregando-o a Francisco Pedro. Este passando por casa

de Manoel Francisco Barboza mostrou o tal officio. Este republicano, exaltando-se chamou-o de traidor e pediu a Francisco Pedro na occasião de retirar-se para deixar-lhe o dito officio afim de decoral-o. Logo que retirou-se Francisco Pedro mandou elle tirar muitas copias e remetter o original do officio a Bento Gonçalves que conhecedor da letra do secretario de Caxias, não duvidou da verdade e mandou encontinente a Canabarro uma carta desafiando-o"

Ferreira Rodrigues publicou parcialmente estes depoimentos, referiu domicílios dos depoentes e informou que os mesmos se colocavam à disposição para sanar eventuais dúvidas. Acresceu ainda que tais documentos estavam em seu poder e que os franqueava a quem quisesse examinálos.

João Borges Fortes encaminhou questionamento a Rangel e obteve

resposta em carta datada de 22.08.1900:⁴⁶

"É verdade que o documento que accusa David Canabarro de traidor foi lavrado em minha presença, apos o combate de Porongos, por machinação de Francisco Pedro de Abreu que o mandou escrever por seu Major de Brigada João Machado de Morais, o que afirmo sem receio de contestação; sendo igualmente verdadeiro tudo quanto diz em seu opúsculo o encançavel e ilustre Senhor Alfredo Ferreira Rodrigues referentes ás informações da memoria que lhe escrevi."

Talvez o próprio Felix não soubesse que seu nome consta em elogio registrado na Ordem do Dia de nº 170, de Caxias:⁴⁷ "..., Alferes Felix de Azambuja Rangel, em exercício de Ajudante de Campo,..."

Diante da eloqüência dos depoimentos e da insuspeição dos depoentes, restou extinta a controvérsia entre Varela e Ferreira Rodrigues. Em sua obra *A grande revolução*, Varela assim voltou a se manifestar sobre o assunto:⁴⁸ "...o offic., uma satânica obra de Francisco Pedro!".

Desde o início do Século XX, diante da conexão de indícios. evidências e testemunhos irrefutáveis, diversos autores passaram manifestar em favor da inocência de Canabarro. A partir de meados da década de 1980, alguns apresentados ilusoriamente veiculadores de novas descobertas. voltaram à antiga e sepultada versão caluniosa. Via de regra, porém, tais textos sugerem enganadoramente a inexistência do trabalho de Ferreira Rodrigues, de 1900. Em seus escritos, não o incluem em discussões, nem em referências bibliográficas.

⁴⁶ AHRS CV-7658

A honestidade intelectual impõe que a carta de Chico Pedro seja considerada apenas como ilustração de ardil de guerra, jamais como documento que possa embasar acusações à memória de alguém.

Participação de Caxias na elaboração da carta - Dúvidas persistente

Embora o assunto tenha sido tratado por diversos autores durante mais de um século, é possível ainda elencar dúvidas relativas à verdadeira autoria da carta de Chico Pedro.

- a)Teria Chico Pedro afrontado à autoridade de Caxias, envolvendo-o em falsificação de documento numa quadra tão difícil para a pacificação da Província?
- b) Por que Chico Pedro permitiu e até estimulou a existência de testemunhas que ficaram cientes da falsificação, como se depreende dos depoimentos de Manoel Patrício de Azambuja e Felix de Azambuja Rangel?
- c) Não parece estranho que Caxias, em Piratini, tenha sido informado da falsificação diante de testemunhas e não tenha repreendido Chico Pedro?
- d) Não parece mais estranho ainda que, diante daquela informação, Caxias tenha mandado seu secretário fazer cópia da carta, e depois de assiná-la, tê-la recolhido a seu arquivo, o que deu origem à presença, embora desordenada, desse ofício entre os demais da coletânea?
- e) Por que Canabarro, depois da guerra, quando instado a dar explicações sobre a carta, informava a necessidade de consultar Caxias a respeito?

Espionagens e intrigas

Chegavam às mãos de Caxias os cordéis de uma rede de espionagens e intrigas que ele controlava com singular competência. Aliás, não só dos adversários como também de

⁴⁷ Guerra dos Farrapos, 1943, p.306.

⁴⁸ Varela, 1933, v 6, p.498-9.

companheiros ele se prevenia com muita astúcia, como podemos observar em carta da autoria dele, de 22.04.1843, para um ex-ministro:⁴⁹

"...quando a sahida de V. Ex.a do Ministerio, q.do eu menos o esperava que veio desconcertar e dar animo aos invejosos da minha fortuna: Bento M.el mandou logo seu filho o Dr. Sebastião p.a a Corte com ordem de escrever contra mim e exagerar a capacidade do Pai, p.a o com.do do Exercito aprezentando a ideia de 2 aucthoridades para a Prov.a. O que ele por lá terá feito não sei; V. Ex.ª que lá está melhor o saberá. Continuou Bento M.el comtudo a acompanhar-me e como visse que não achava eco no Exercito contra mim tem se reprimido... Eu não me dei nunca por sabedor, e antes o tratei sempre com a mesma afabelidade e franqueza, e isto o tem desconcertado tanto que me consta que elle já diz que se tinha em conta de m.to velhaco, porém que eu era mais do que elle tendo metade de sua idade... Espero que V. Ex.a como meu am.º fassa desfazer por meio dos jornaes qualquer intriga que o tal Dr. Sebastião me tenha formado e que mesmo fassa saber ao meu Ministro a fonte donde ella dimana..."

Varela, mencionando a astuciosa conduta de Caxias em tratativas de pacificação, escreveu:⁵⁰

"S. exa. assoprava as labaredas da sizania entre os revéis, com a astucia de uma rapoza amestradissima, contra quem nada poude a infernal sabedoria de Bento Manuel, quanto mais a ingenuidade gaúcha!"

Em ofício para o Ministro da Guerra, com data de 11.09.1844, Caxias informou:⁵¹

"Conhecendo eu que a divisão entre eles estava ateada, e que era isso de muita vantagem para a conclusão da Guerra, a tenho alimentado **quanto me é possível**, conseguindo que Bento Gonçalves e a gente de seu partido esteja inimizada com a de Davi

⁴⁹ Varela, 1915, v.II, p.1026-7.

Canabarro, quase como o está com as tropas Imperiais." (Grifo do autor).

Respeitáveis fontes dão conta da expressiva existência de espiões infiltrados entre os farroupilhas.

Hipótese que responde às questões

Admitindo-se que Caxias tenha instruído Chico Pedro ou com ele concordado quanto à elaboração da carta falsa, simulando tal responsabilidade era apenas deste, conseguimos explicações para dúvidas antes arroladas. Assim procedendo, podemos chegar respostas que seguem.

- a) Não é crível que Chico Pedro atentasse contra a autoridade de Caxias; seria, no mínimo, preso. Mas de fato, aceitando a hipótese, ele não atentou contra a autoridade de Caxias, pois estava cumprindo ordem ou tinha a concordância prévia dele.
- b)Chico Pedro estimulou a existência de testemunhas da falsificação porque diante Caxias. das liderancas farroupilhas com as quais negociava e cultivava boa imagem, deveria parecer alheio à iniciativa do Ataque de Porongos e à feitura da carta. Isso seria parte indispensável da combinação. Caxias aparecer como mentor do ataque e da carta era inaceitável diante do inculcado entendimento de Canabarro de que estava em armistício. Nessa simulação, o que era do interesse de Caxias, também o era de Chico Pedro. Diante de seus comandados, Chico Pedro aparecia como quem concebeu e fez tudo por iniciativa própria. A imagem de Chico Pedro junto aos farroupilhas em nada mudava, mesmo admitindo que ele estivesse violando um armistício.
- c) Caxias não teria efetuado reprimenda em Piratini, ao ver a cópia da carta, porque o importante era que as testemunhas observassem mais uma vez, em outro cenário e na presença

⁵⁰ Varela, 1933, v.6, p. 230.

⁵¹ Antunes, 1950, p.138.

dele, que a iniciativa da falsificação teria partido de Chico Pedro. O encontro em Piratini teria ocorrido em janeiro de 1845,⁵² quando as negociações de paz tomavam rumo definitivo e até Caxias já dava ordens a Bento Manoel para suspender a perseguição a Canabarro.⁵³ Caxias, mais do que antes, necessitava contar com o respeito e a colaboração de lideranças farroupilhas.

d) O fato de Caxias ter mandado tirar uma cópia da carta e assinado dava a entender que ele realmente não havia mandado elaborar aquela que Chico Pedro lhe apresentara, caso contrário, teria a cópia. Cuidou, porém, de que tal cópia tivesse arquivamento distinto dos demais ofícios.

A resposta à última questão formulada no primeiro subtítulo deste capítulo suscita uma reflexão anterior: Caxias não encontrou impedimentos éticos para romper unilateralmente um sugerido "armistício" e promover tal simulação?

Durante uma guerra, comumente pruridos éticos não se sobrepõem aos objetivos militares maiores, pragmaticamente estabelecidos. Zun Tzu já ensinava:⁵⁴ "A força militar baseia-se na dissimulação." A expressão de Caxias, antes grifada, "quanto me é possível", sugere inexistência de freios para tal acão.

Os românticos guerreiros farroupilhas, ingênuos, no dizer de Varela, comungavam de entendimento como o externado por Bernardo Pires, antes transcrito, referindo-se a Chico Pedro: "...esse Ratoneiro da especie humana se assanhava em derramar o precioso sangue de nossos Compatriotas, não em campo raso, mas debaixo dos

auspicios da mais vil traição, como sempre foi seu vergonhoso costume..."

Um militar profissional em guerra encarava tais aspectos de forma diversa.

e) Terminada a guerra, Caxias permaneceu na Presidência da Província. Consolidar a paz era relevante interesse do Império, especialmente diante da ameaçadora situação do Prata. A vinda de Pedro II à Província logo após a guerra, e suas ações de desarmamento dos espíritos, é muito ilustrativa.

Caxias tornou-se senador pelo Grande do Sul. Rio novamente Presidente da Província, bem como comandante do exército que invadiu o Uruguai em 1851 e que participou do ataque a Rosas. Nessa ocasião, foi muito importante a participação de grande número de ex-farroupilhas no Exército Brasileiro. como era o caso Canabarro.

Evidente que em todas essas ocasiões posteriores à Revolução Farroupilha, não seria do interesse de Caxias divulgar participações no Ataque de Porongos e na feitura da carta de É possível mesmo que Chico Pedro. Caxias e Canabarro tenham discutido o assunto, o que alguns autores entendem que teria ocorrido por ocasião da visita de Pedro II à São Gabriel em 1846. Cavalheirescamente, Canabarro evitaria dificuldades para seu antigo adversário e aliado de novos tempos.

Tal postura de Canabarro não deveria surpreender. Semelhante atitude ele também tomou com relação a Osório por ocasião da invasão paraguaia no Rio Grande do Sul. Para proteger seu também antigo adversário e aliado de novos tempos, mesmo com prejuízo para si, não revelou conteúdos de cartas de Osório que o orientavam a não entrar em ação decisiva contra os invasores.⁵⁵

⁵³ Fontoura, 1984, p.156-61.

-

⁵² Abreu, 1951, p.204.

⁵⁴ Tzu. 2000. p.72.

⁵⁵ Machado, 2010, p.15-20.

Canabarro morreu ajudando Caxias e Osório, mesmo em estado préagônico, na formação do 3º Corpo de Exército Brasileiro que invadiu o Paraguai.

Em 1900, Manoel Patrício de Azambuja, já referido no caítulo III, não encontrava qualquer impedimento para dar uma informação decisiva sobre a questão:⁵⁶

"Canabarro era o unico chefe republicano que ultimamente tinha verdadeiro prestigio para manter por mais algum tempo a luta por isso bem comprehenderam Caxias e Chico Pedro inutilisal-o indispondo-o com os outros generaes e seu exercito o que conseguiram com o artificioso plano de trahição dos Porongos..."(Grifo do autor).

A sincronia das reflexões constantes neste subtítulo, a conexão delas com as questões levantadas no início deste capítulo e a decisiva manifestação de Azambuja indicam a participação de Caxias como mentor ou anuente da falsificação da carta.

Dinâmica da construção do símbolo - Discurso fundamentador

Após 1980. diversas manifestações, tentando ressuscitar a idéia da traição em Porongos, socorremse, via de regra, de argumentos adotados e depois refugados por Varela, além de insinuações de Domingos de Almeida, o precursor da difamação de Canabarro.⁵⁷ Procuram revalidar denúncias que não foram aceitas num processo que já tramitou em todas as instâncias do bom senso. Tais incursões, que ilusoriamente procuram aparentar roupagem nova, recorrentemente desconsideram, sem explicação alguma, 0 trabalho de Ferreira Rodrigues de 1900. Não

Nessa linha de manifestações, merece destaque: "Bento Gonçalves seria contra a pacificação porque esta não previa a libertação de escravos farroupilhas. Isso teria levado Canabarro a trair os farroupilhas de modo a se livrar dos escravos para viabilizar o fim da guerra."

Interessante argumento compor script de novela, o que talvez já tenha acontecido. Atente-se, porém, que não havia contraposições entre Bento Gonçalves, Canabarro e Caxias acerca da libertação de escravos. Desde a primeira proposta de conciliação levada por Bento Gonçalves para Caxias, em termos ajustados entre ele e Canabarro, constava a libertação de escravos. Dessa proposta, Caxias apenas rechaçou a idéia de anexar a Província ao Império como um estado federado⁵⁸. O ítem nº 4 das reivindicações farroupilhas levadas a Ponche Verde por Canabarro, e lá aprovado, tratava da libertação dos escravos.

Bento Gonçalves não era contra a pacificação, muito ao contrário, teceu severas críticas a Canabarro por este ter retardado as negociações:⁵⁹

"Sabeis que com o mesmo Barão havia acordado uma paz verdadeiramente digna de ambas as partes. Sabeis que o estúpido do Canabarro desprezou minhas proposições a despeito de todas as reflexões que lhe fiz demonstrando que perdendo aquela quadra talvez tudo se perdesse,..."

Em ofício para Canabarro, de 22.02.1845, Bento Gonçalves recomenda que a pacificação seja aprovada em reunião que seria realizada em Ponche Verde. Tece novas críticas à demora

_

podendo se insurgir contra provas testemunhais irrefutáveis, fingem desconhecê-las de modo a não alertar leitores e ouvintes para a improcedência de seus argumentos.

⁵⁶ Azambuja, 1928, p.37.

⁵⁷ Machado, 2011, p. 62-75.

⁵⁸ AHRS, 1985, doc. 379, p. 247.

⁵⁹ Idem, p. 259.

para chegar aquele termo e não faz qualquer alusão à alforria de escravos.⁶⁰

Vicente da Fontoura, representando os farroupilhas nas tratativas de pacificação que se desenvolviam na Corte, registrou em seu diário no dia 18.12.1844:⁶¹

"Finalmente estão prontas as instruções e o decreto autorizando o barão. Contém as instruções (as que vi, pois por via de um personagem estrangeiro sou informado que vão outras com mais amplidão), mais ou menos o seguinte:

Reconhecimento dos postos, pagamento da dívida, liberdade dos escravos, etc, etc."

Observe-se que a questão da liberdade dos escravos integrava as instruções que Fontoura recebera das lideranças farroupilhas como condição para que a paz fosse selada. Era um requisito estabelecido ou ratificado sob a liderança de Canabarro.

O aplaudido intelectual Clóvis Moura, em sintonia com diversos outros autores, asseverou: "Nas condições de rendição não abandonaram à sua própria sorte aqueles que, sendo escravos, lutaram ao seu lado."62

Diversos autores dão conta do esforço desenvolvido por farroupilhas, através de suas conexões políticas no Congresso Nacional, para que fosse efetivamente concedida a alforria aos escravos farroupilhas que foram levados para a Corte.

Uma reflexão acerca desse quadro leva a entender que indicar traição de Canabarro a seus lanceiros, e mais do que isso, atribuir-lhe macabro propósito de assassinato dos mesmos, vai além de injusta agressão à memória daquele general farroupilha, é atitude que lembra a insanidade alimentando a ignorância.

⁶¹ Fonfoura, 1984, p.154.

Afirmar que Canabarro sacrificou escravos para viabilizar a pacificação também atenta contra a lógica e desrespeita até a aritmética, senão vejamos.

Menos de cem lanceiros negros (provavelmente 80) pereceram em Porongos. Doze dias após o Combate de Porongos. aproximadamente comandados de Teixeira Nunes foram atacados pela brigada de Chico Pedro, ocasião em que pereceu aquele coronel farroupilha sendo os demais mortos ou dispersados. Após a pacificação, 120 lanceiros negros foram entregues a Caxias e incorporados a três regimentos de cavalaria de linha da Província. Conclui-se que talvez menos de 30% dos lanceiros negros foram mortos em Porongos.

Pode alguém acreditar na existência de conluio entre Caxias e Canabarro para eliminar lanceiros negros através de uma operação que envolveu grande mobilização de forças, incluindo recrutas vindos da corte e deslocamentos de guarnições de pontos importantes, e que tudo isso tenha resultado em tão minúsculo resultado? Caxias e Canabarro teriam sido tão incompetentes militarmente?

Canabarro dispunha de melhores meios para eliminar escravos se esse fosse seu desiderato. Ainda em 06.11.1844, Bento Gonçalves continuava insistindo com Canabarro para que este lhe cedesse reforço a fim de desenvolver ação em determinados locais⁶³. Caso Canabarro determinasse o destacamento dessa força e avisasse Caxias a respeito, o sinistro objetivo que lhe é atribuído seria atingido de modo muito mais simples.

Na verdade, o discurso em epígrafe visa usar a boa imagem de Bento Gonçalves ainda existente no

⁶⁰ AHRS, 1985, p.257-8.

⁶² Moura, 1988, p.101.

⁶³ Idem, p.255.

imaginário popular para agredir a memória de Canabarro e auxiliar na construção de um mito negativo.

Também a imagem romântica e até cinematográfica de Souza Neto foi usada no mesmo sentido, colocando-o como alguém que era contra a pacificação. Atribuem-lhe a bazófia de, questionado sobre pacificação e batendo na espada sobre a ilharga, ter assim respondido: "enquanto dispor de 1000 piratinenses e de 2000 cavalos, a minha resposta é essa."

Embora a fonte usada seja de limitada confiabilidade, segundo essa mesma fonte, isso teria ocorrido em 1840 e, portanto, nada tinha a ver com as negociações que levaram ao fim da guerra.

Utilidades do símbolo

Na primeira década deste século, após publicação de um texto com afirmações semelhantes às aqui expostas, o presente autor foi convidado para um diálogo com autoridade ligada à área da cultura do Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Reproduz-se, a seguir, o que ficou gravado de memória.

- -Autoridade: "O senhor está realmente convencido de que Canabarro não traiu os escravos farroupilhas no Combate de Porongos?"
- -Autor: "Sim. Entendo também que alguns dos que escrevem em sentido contrário sabem que estão faltando com a verdade."
- -Autoridade: "Mas o senhor não admite que Canabarro possa ter feito isso mesmo pensando no melhor para a maioria, isto é, sacrificava alguns escravos para salvar muitas vidas?"
- -Autor: "Não; os fatos respaldados por documentos não permitem essa conclusão."
- -Autoridade: "É lamentável, mas o Movimento Negro não pode ficar sem

essa imagem de Canabarro como traidor."64

A conversa pouco ou nada avançou, mas serviu para provocar uma reflexão inusual.

O autor tem poucas informações acerca do referido movimento, não sabe se a designação correta é a acima referida, nem se nele há entendimento hegemônico sobre o tema. Admite que, até então, as manifestações de diversos autores não tinham origens nesse movimento que talvez seja apenas um dos destinatários das mesmas. Conhece algumas pessoas integrantes simpatizantes do mesmo, mas nunca teve com elas alguma discussão mais aprofundada sobre o tema, nem se julga habilitado para sugerir procedimentos.

É admissível que um movimento social de tal envergadura e importância para o país tenha objetivos claramente estabelecidos e adote estratégias que demandam simbolismos. Nesse contexto, é detectável o surgimento de manifestações literárias e midiáticas que oferecem a memória de Canabarro em holocausto para a personificação de um símbolo da maldade responsável pelas desditas sofridas pela negritude.

É compreensível que sofrimentos incomensuráveis infligidos sobre dezenas de gerações de uma etnia produzam revolta justa e proporcional, que conta inclusive com solidariedade de imensos contingentes sociais aparentemente alheios ao drama.

Observa-se também que, no mundo das competições eleitorais, campo de disputa de aparências, o referido símbolo tem sido dissimuladamente usado para fins políticos ideológicos. Talvez isso até ocorra à revelia do citado movimento.

-

⁶⁴ A referida autoridade não era integrante do citado movimento.

Atualmente, nas manifestações midiáticas, predominam as condenações à memória de Canabarro. No cotejo de reverberações tão díspares, pode parecer insignificante para muitos qualquer preocupação com o tratamento dado à memória de quem quer que seja.

Para explicar tal fenômeno, além dos fatores antes expostos, outros, muito simples, podem ser agregados.

Se, por exemplo, este texto for levado a algum comunicador pouco afeito ao estudo do tema, o diagnóstico certamente será: "é mais uma manifestação que se enquadra na velha controvérsia."

Tendo rótulo de controvérsia, o leitor ou ouvinte sente-se mais à vontade para optar. A opção escolhida sem muito esforço será majoritariamente a mais impactante, generosa, solidária, romântica e com melhor trânsito político.

Nesse tocante, o símbolo midiático negativo, em avançado grau de elaboração, torna-se poderoso agente de convencimento. Torna-se o boneco Judas que deve ser queimado para aliviar o sofrimento das almas injustiçadas.

Dizem, em setores da imprensa, que notícia é o avião que cai e não o que aterrissa. Talvez por isso seja até acabrunhante ter que, apontando o avião que aterrissou e roda na pista, repetir inúmeras vezes que ele não caiu.

Da mesma forma, vale lembrar mais uma vez que a controvérsia original sobre o tema, escoimada de interesses impertinentes e de fatores com contornos difusos, restou extinta em 1900, e comumente não é lembrada em sua integridade.

Referências bibliográficas e documentais -ABREU, Francisco Pedro de (Barão de Jacuhy). Memorias de Francisco Pedro de Abreu. In: *Revista do Instituto Histórico e*

- Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Nº1, p. 22-44; Nº2, p. 166-208. 1921. -ANTUNES, De Paranhos (org.). *Ofícios do Barão de Caxias (1842-1845)*. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1950.
- -ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL (AHRS)- Coleção Varela (CV). Porto Alegre.
- -ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL (AHRS)- Coleção Ferreira Rodrigues (FR). Porto Alegre.
- -ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL (AHRS)-Coletânea de documentos de Bento Gonçalves da Silva 1835/1845. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, 1985.
- -AZAMBUJA, Manuel Patrício de. Apontamentos para a história da revolução de 1835-1845. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul,* Porto Alegre, Nº 29/30, p.35-44, 1928.
- -BENTO, Cláudio Moreira. *O negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975)*.Porto Alegre: Grafosul, Instituto Estadual do Livro, 1976.
- -BARMAN, Roderick J. *Imperador cidadão*. Trad. Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- -FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845.* Porto Alegre: Sulina, Martins; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1984.
- -GUERRA DOS FARRAPOS: Ordens do dia do General Barão de Caxias (1842-1845). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.
- -LEMOS, Juvencio Saldanha. Comunicação pessoal. 2014.
- -MACHADO, Cesar Pires. *Aspectos da invasão paraguaia em São Borja.* Porto Alegre: Edigal, 2010.
- -MACHADO, Cesar Pires. *Porongos: fatos e fábulas*.Porto Alegre: Evangraf, Ed. Praça da Matriz, 2011.
- -MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala-4ª ed.*Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- -RODRIGUES, Alfredo Ferreira. David Canabarro e a surpresa de Porongos. In: Almanak litterario e estatistico do Rio Grande do Sul para 1901. Rio Grande: Livraria Americana, 1901. p.227-242.
- -RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Pacificação do Rio Grande: David Canabarro e a

Surpresa de Porongos. In: *Almanak litterario e estatístico do Rio Grande do Sul para 1899.* Rio Grande: Livraria Americana, 1899, p. 215-272.

- -TZU,Sun. *A Arte da Guerra*.Trad. S. Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- -VARELA, Alfredo. A pacificação do Rio Grande do Sul (1845). *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 1899.

*César Pires Machado (ao lado, acompanhado por João Carlos Paixão Cortes) é Engenheiro-Agrônomo pela UFRGS. É Membro do IHGRGS e Acadêmico da AHIMTB - Cadeira Especial Historiador Dr. Dante de Laytano. É autor de diversas obras sobre a História do RS. E-mail:

E-IIIaII:

cepima@terra.com.br

- -VARELA, Alfredo. *História da Grande Revolução o cyclo farroupilha no Brasil.* Porto Alegre: Globo, 1933, 6 v.
- -VARELA, Alfredo. *Revoluções cisplatinas A República Riograndense.* Porto: Editora Chardron, 1915.
- -VARELA, Alfredo. *Riogrande do Sul.* v.1º. Pelotas e Porto Alegre: Echenique & Irmão Editores, 1897.



Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM, Presidente da AHIMTB/RS. lecaminha@gmail.com